1968: ROUCO DE TANTO OUVIR

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

"Eu ganhei o Prêmio Pulitzer em 1969
por uma fotografia de um homem
atirando no outro. Duas pessoas morreram
naquela imagem: quem recebeu a bala e
o general Nguyen Van Lém." "O general
matou o vietcongue; e eu matei o general
com a minha câmera."
("Foto que mudou opinião sobre Vietnã faz 50 anos".
O Estado de S. Paulo, 31/1/18, p. C4)

A expressão "rouco de tanto ouvir" não passa de reminiscência do tempo do Anedotário Político do Sebastião Nery. Se não me engano, em época de boatos, certo político, ativo participante na transmissão da onda de fatos e versões, fazendo ironia ou não, acabou usando tal expressão.

Desde o começo de janeiro, que acaba de terminar, têm sido muitas as lembranças do ano de 1968, obviamente por seus 50 anos.

O Estadão de 3/1/18 trazia página recheada do assunto, com o título de "O legado de 1968".

A foto maior inclui, de pé, Jorge Benjor, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee, Gal Costa e, sentados, os dois companheiros de conjunto da Rita Lee.

A lista de livros "para entender 1968" inclui *Une Histoire du Mouvement*, de Laurent Joffrin, Points, 1988; 1968, *O Ano que não terminou* e *O que fizemos de nós*, Planeta, 2008, ambos de Zuenir Ventura; *Mai 68 – L'héritage impossible*, Jean-Pierre Le Goff, La Découverte, 2002; 1968 – *O Diálogo é a Violência: Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil*, Maria Ribeiro do Valle, Ed. Unicamp, 2008; *Maio de 68 Explicado a Nicolas Sarkozy*, André Glucksmann e Raphaël Glucksmann, Record, 2008; *O Fantasma da Revolução Brasileira*, Marcelo Ridenti, Unesp, 1993; *Em busca do Povo Brasileiro – Artistas da Revolução, do CPC à Era da TV*, Marcelo Ridenti, Record, 2000.

Luiz Zanin Oricchio, que assina o texto citado começa com uma pergunta: "o cinquentenário de 1968 será uma megaefeméride ou cairá no vazio por ter esgotado o seu significado histórico?"

Ele prossegue sugerindo que se aguarde o próximo mês de maio, pois "o Maio de 1968, em Paris, é, para o bem e para o mal, o emblema de tudo que esse ano representa para a história recente".

Por outro lado, para Oricchio, "1968 é um problema. A começar por sua datação. Há quem sustente que 68 começou em 1967".

Entre nós, "a rebeldia estudantil viria a explodir em 1968, com a morte do estudante Edson Luiz Souto, no Rio, e a batalha campal entre Mackenzie e USP, a chamada 'guerra da

Maria Antonia, em São Paulo. No festival da Record de 1967, Caetano Veloso interpretou *Alegria, Alegria* e Gilberto Gil, *Domingo no Parque*, dois emblemas da nova música que surgia. Mas o disco *Tropicália*, manifesto do movimento, viria a público só em 1968. Duas fontes de inspiração para o Tropicalismo, o filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, e a peça *O Rei da Vela*, montada por José Celso Martinez Corrêa, são de 1967."

Mais adiante, no local citado, Oricchio reconhece que "o movimento libertário de 1968 deixaria legado para as décadas seguintes". E entende, em seguida, que a inclinação à esquerda, então já contestada, "entraria de vez em parafuso com a queda do Muro de Berlim em 1989 e o fim da União Soviética em 1991. No entanto, as lutas feministas, antirracistas, ecológicas e contra a intolerância em geral têm suas raízes nas pautas igualitárias de 68".

Mais adiante, Oricchio acrescenta: "Com motivações diferentes, as manifestações pipocavam na França, Estados Unidos, Alemanha, Checoslováquia, México e Brasil."

Não podia faltar outra referência do texto citado: "O líder máximo do 68 francês, Daniel Cohn-Bendit, Dany 'le rouge', diz que não fala mais no assunto". Há dez anos, Sarkozy adotava atitude semelhante.

Mas, e agora? A mensagem libertária de 68 permanece válida?

Não, pois "vai encontrar, nessa efeméride, um mundo conservador, de modo geral. Uma onda de direita varreu o mundo, tanto na Europa como nas Américas. Macron, Macri, Trump, Temer, etc. não formam um quadro muito acolhedor para aspirações libertárias e imaginativas. O mundo ficou careta demais e, no âmbito da política, desalentador para quem tenha um mínimo de vocação progressista."

No mesmo Estadão de 3/1/18, Leandro Karnal publicou a crônica "As rugas dos hippies". Começa assim: "O ano de 1968 deve ter sido extraordinário. Como 1789 ou 1848, criou uma geração, uma identidade, uma carga simbólica."

Deixando de lado outras coincidências, O Estado de S. Paulo de 31/1/18 traz foto conhecidíssima, tirada pelo fotógrafo jornalista Eddie Adams, durante a Guerra do Vietnã, que completaria 50 anos no dia seguinte. Trata-se da foto do oficial atirando e matando o civil. Legenda da foto? "A imagem 'mata' também quem atira".

No dia seguinte, O Estado de S. Paulo, em sua página A9, incluiu a mesma foto, abaixo do texto intitulado "Os 50 anos do ataque que mudou a Guerra do Vietnã".

A matéria traz o subtítulo "Na madrugada de 31 de janeiro de 1968, milícias vietcongues surpreenderam os EUA com a Ofensiva do Tet".

Abaixo da mesma foto, lê-se: "Saigon. General sul-vietnamita executa oficial vietcongue."

O texto, após referir-se à Ofensiva do Tet, em 31/1/68, descreve os desdobramentos que tiveram a conhecida consequência: "Quando os EUA se preparavam para deixar o país, em 1975, os vietcongues lançaram a ofensiva final, a Tomada de Saigon, que marcou a derrota definitiva dos americanos."